



J. SIMÕES LOPES NETO

ORDEM E PROGRESSO

# CONTOS *Gauchescos*

# Sumário

Ficha Técnica  
Saudação  
TREZENTAS ONÇAS  
O NEGRO BONIFÁCIO  
NO MANANCIAL  
O MATE DO JOÃO CARDOSO  
DEVE UM QUEIJO  
O BOI VELHO  
CORRER EGUADA  
MENSAGEIRO DO IMPERADOR  
OS CABELOS DA MULHER  
MELANCIA — COCO VERDE  
O ANJO DA VITÓRIA  
CONTRABANDISTA  
JOGO DE OSSO  
O DUELO DOS FARRAPOS  
PENAR DE VELHO  
JUCA GUERRA  
AMIGOS DE FÉ DO GAÚCHO  
BATENDO ORELHA!...  
O “MENINHO” DO PRESÉPIO

# Ficha Técnica

Lendas do SUL

Copyright © 2012 by Editora Dracaena

**Produção Editorial** - Editora Dracaena

**Editor:** Léo Kades

**Diagramação:** Francieli Kades

**Capa:** César Oliveira

**Revisão:** Danilo Barbosa - Elaise Lima

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto 6.583, de 29 de setembro de 2008) 1ª Edição: dezembro / 2012*

Lendas do Sul/ J. Simões Lopes ;

1. Lendas. Contos. Rio Grande do Sul.

I Título. Autor. Editora.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem a devida autorização da Editora.

Editora Dracaena

Rua Edson Crepaldi, 720 - Bal Rincão

CEP 88820-000 - Içara - SC

Tel. (48) 3468-4544

[www.dracaena.com.br](http://www.dracaena.com.br)

# Saudação

Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano:

Eu tenho cruzado o nosso Estado em um caprichoso ziguezague. Já senti a ardência das areias desoladas do litoral; já me recreei nas encantadoras ilhas da lagoa Mirim; fatiguei-me na extensão da coxilha de Santana; molhei as mãos no soberbo Uruguai; tive o estremecimento do medo nas ásperas pedreiras do Caverá; já colhi malmequeres nas planícies do Saicã, oscilei sobre as águas grandes do Ibicuí; palmilhei os quatro ângulos da derrocada fortaleza de Santa Tecla, pousei em São Gabriel, a forja rebrilhante que tantas espadas valorosas temperou e, arrastado no turbilhão das máquinas possantes, corri pelas paragens magníficas de Tupaceretã, o nome doce que, no lábio ingênuo dos caboclos, quer dizer “os campos onde repousou a mãe de Deus” ...

Saudei a graciosa Santa Maria, fagueira e tranquila na encosta da serra, emergindo do verde-negro da montanha, cercado o casario branco, como um fantástico algodão em uma explosão de casulos. Subi aos extremos do Passo Fundo, perambulei pelos cumes da Lagoa Vermelha, retornei para a melancólica Soledade, flor do deserto, alma risonha no silêncio dos ecos do mundo; cortei um formigueiro humano na zona colonial.

Da divagação longa e demorada, feita em etapas de datas diferentes, esses olhos trazem ainda a impressão vivaz e maravilhosa da grandeza, da opulência, da hospitalidade. Vi a colmeia e o curral; vi o pomar e o rebanho, vi a seara e as manufaturas; vi a serra, os rios, a campina e cidades; dos

rostos e das auroras, de pássaros e de crianças, dos sulcos do arado, das águas e de tudo, estes olhos, pobres olhos condenados à morte, ao desaparecimento, guardarão na retina até o último milésimo da luz, a impressão da visão sublimada e consoladora: e o coração, quando faltar ao ritmo, arfará num último estertor para que a raça em formação se aquilate, ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heroicos, pela integração da Pátria comum, agora abençoada na paz.

E, por circunstâncias de caráter pessoal, decorrentes da amizade e da confiança, sucedeu que foi meu constante guia. Segundo o benquisto tapejara Blau Nunes, desempenado arcabouço de oitenta e oito anos, com todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo o seu aprumo de corajoso farroupilha que foi junto à Bento Gonçalves, até se tornar marinheiro improvisado, em que deu baixa, ferido, de Tamandaré.

Dava-me ele a impressão de ser um tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, abrigando dentro do tronco enxames de abelhas e nos galhos seus ninhos de pombas...

Genuíno tipo crioulo rio-grandense (hoje tão modificado) era Blau, o guasca peão, há tão pouco tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável. Dotado de uma memória de rara nitidez, brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco.

E, do trotar sobre tantos rumos; das pousadas pelas estâncias; dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou; das coisas que ele compreendia e das que eram vedadas ao singelo entendimento; do pelo a pelo com os homens, das erosões

da morte e das eclosões da vida, entre o Blau — moço, militar — e o Blau — velho, paisano —, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações — casos, pode-se dizer □ que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende, ao sol, para arejar roupas guardadas ao fundo de uma arca.

Querido digno velho! Saudoso Blau!

Patrício, escuta-o.

# TREZENTAS ONÇAS

Eu tropeava nesse tempo e, de uma feita que viajava de escoteiro, com o cinto cheio de onças de ouro, vim parar aqui, neste mesmo paço, por ficar mais perto da estância da Coronilha, onde eu devia pousar.

Parece que foi ontem! Era fevereiro e eu vinha exausto do trote. Olhe, ali mesmo, naquela restinga, à sombra daquele mesmo monte de mato que estamos vendo, que eu na beira do passo, desencilhei e, estendido nos pelegos, com o chapéu sobre os olhos, fiz minha sesta.

Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e fresca rolando sobre o pedregulho, tive vontade de me banhar; até para quebrar o cansaço... E fui para a água que nem capivara!

Debaixo da barranca, havia um fundão onde mergulhei um bando de vezes e puxei umas braçadas, apesar de poucas, porque não tinha experiência para um bom nado.

Sozinho e no silêncio, tornei a vestir-me, encilhei o meu cavalo castanho e montei.

Daquela vereda andei três léguas, chegando à estância ainda cedo.

Ah!... Esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorrinho cor de brasa, pequeno na estatura, mas esperto e bom de vigia. Era das crianças, mas às vezes dava de acompanhar-me e, depois de sair à porteira, nada o fazia



dar meia volta, a não ser que eu voltasse. E nas viagens dormia sempre ao meu lado, sobre a ponta da carona, na cabeceira dos arreios.

Por sinal que uma noite...

Mas isto é outra coisa. Vamos ao caso.

Durante o trote, reparei que volta e meia o cão parava na estrada, latia e corria pra trás. Olhava-me e latia de novo, caminhando um pouco sobre o meu rastro. Parecia que o bichinho estava me chamando!... Mas como eu acabava indo em frente, ele tornava a alcançar-me, para daí a pouco recomeçar.

Pois é, amigo, nem lhe conto nada! Quando botei o pé no chão, na ramada da estância, ao mesmo tempo em que dava as — Boas tardes! — ao dono da casa, aguntei um puxão seco no coração... Não sentia na cintura o peso do cinto!

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar.

Eu era muito pobre — e ainda hoje sou, é como você bem sabe... Estava começando a vida e o dinheiro era do meu patrão, um charqueador, sujeito de contas muito limpas e bravo como uma manga de pedras...

Assim, meio assombrado, fui me repondo quando ouvi que indagavam:

– Então, patrício? Está doente?

– Não, senhor – respondi. – É que me sucedeu uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão...

- A la fresca!

- É verdade... Antes morresse, que isto! Que vai ele pensar de mim agora?

- É uma pendenga dos diabos, isso é... Mas não se preocupe, homem!

Nisto o cãozinho vermelho deu uns pulos no focinho do cavalo, como querendo lambê-lo, e logo correu para a estrada, aos latidos. Olhava-me, vinha e ia, tornando a latir...

Ah!... E num repente lembrei-me bem de tudo.

Parecia que estava vendo o lugar da soneca, o banho, a arrumação das roupas nuns galhos de sarandi e, em cima de uma pedra, o cinto e por cima dela as armas. Tinha até uma ponta de cigarro que deixei depois de uma última tragada, que antes de entrar na água deixei espetada num espinho. Ainda fumegava, soltando uma fitazinha de fumaça azul, que subia, fininha e direita, no ar sem vento... Tudo, vi tudo.

Estava lá, na beirada do passo, o cinto com as onças. O remédio era um só: tocar a meia rédea, antes que outros andantes passassem.

Num piscar de olhos, já estava no cavalo. Mal havia acabado de fazer isto, o cachorrinho começou a se balançar, numa alegria, ganindo - Deus me perdoe! - que até parecia falar. Dei rédea, dobrando o cotovelo do cercado.

Logo ali, dei de frente com uma comitiva de tropeiros, com uma grande cavalhada à frente. Por certo vinham pousar na estância. Na cruzada, nos tocamos todos na aba do sombrero; uns quantos vinham de casacão. Sempre me deu

uma vontade de fazer umas perguntas... Mas engoli a língua.

Ajeitei o corpo e batendo com as esporas, toquei a galope largo. O cachorrinho ia ganindo ao lado, na sombra do cavalo, já muito comprida.

A estrada estendia-se deserta. À esquerda, os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol poente, manchados pelas pontas de gado que iam se arrolhando nos pastos antes da noite chegar. À direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrava na massa de nuvens de beiradas luminosas.

Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero passava. Uma ou outra perdiz, sorrateira, piava mansamente por entre os pastos maduros. Ao longe, entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um João-Grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente também não sacode os braços..

Foi caindo uma aragem fresca e um silêncio grande sobre tudo.

O castanho era um excelente animal e o cachorrinho, agora sossegado, meio de banda, de língua de fora e de rabo em pé, trotava miúdo e ligeiro atrás da pó rasteiro que as patas do meu excelente animal levantava.

E entrou o sol. Ficou nas alturas um clarão afogueado, como de incêndio num gramado. Depois, o lusco-fusco, seguido da noite escura. Por fim, no céu, só as estrelas... Só estrelas...

O cavalo disparava e o freio gemia, no compasso do galope, comendo o caminho. Bem por cima da minha cabeça as Três-Marias, tão bonitas, tão vivas, tão alinhadas, pareciam me acompanhar... Lembrei-me dos meus filhinhos, que as estavam vendo; lembrei-me da minha mãe, de meu pai, que também as viram, quando eram crianças e que já as conheceram pelo seu nome de Marias... As Três-Marias.

Amigo! Você é moço, passa a sua vida rindo... Deus o conserve! Sem saber nunca como é pesada a tristeza dos campos quando o coração pena! A que tempos eu não chorava!

Pois não é que me vieram lágrimas? Devagarinho, sorradeiras subiram aos olhos... Tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho e ainda quentes, no arranco do galope, lá caíam elas no pó da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca ou formiga dariam pela presença delas...

Por entre as minhas lágrimas, como um sol cortando um chuvisqueiro, passou-me na lembrança a toada dum verso lá dos meus recantos:

Quem canta refresca a alma, Cantar adoça o sofrer;

Quem canta zomba da morte: Cantar ajuda a viver!

Mas que cantar, podia eu... O cachorro respirou forte e sentou, trocando a orelha, farejando no escuro: o cavalo tinha reconhecido o lugar, estava no passo.

Senti o cachorrinho respirando, cansado. Apeei.

Não se mexia uma folha; o silêncio nas sombras do arvoredado metia respeito... Não sentia medo, já que este não entra em peito de gaúcho.

Embaixo, o rumor da água pipocando sobre o pedregulho junto aos vagalumes vagueando no escuro. Desci e dei de cara com o lugar onde havia estado. Mexi nos galhos do Sarandi e achei a pedra onde tinha posto o cinto e as armas. Corri as mãos por todos os lados, mais pra lá, mais pra cá... Nada, nada...

Então, senti frio dentro da alma. O meu patrão ia dizer que eu o havia roubado! Pois então eu ia lá perder as onças! Qual nada! Ladrão, ladrão, é que eu era...

E logo uma tensão ruim me entrou nos miolos: eu devia me matar, para não sofrer a vergonha daquela suposição. Era o que eu devia fazer: matar-me. Já, aqui mesmo!

Tirei a pistola do cinto; armei o gatilho... Benzi-me e encostei no ouvido o cano, grosso e frio, carregado de bala...

Ah, patrício, Deus existe! No calor daquele tormento, olhei para diante e vi as Três-Marias, luzindo na água... O cachorrinho encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão... Logo, o cavalo relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau. Patrício, não me avexo duma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a tentação...

O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade e o trabalho, aquele grilo cantador trouxe a esperança...

E puxa, patrício, eu sou muito rude... A gente vê caras, não vê corações... Pois o meu, dentro do peito, naquela hora,